

A face feminina na migração “permanentemente” temporária no Estado de São Paulo: o caso das trabalhadoras da citricultura

*Lidiane Maciel**
*Giovana Gonçalves Pereira***

Introdução

A maior presença da mão de obra feminina no mercado de trabalho rural no interior do Estado de São Paulo não é reflexo de um processo econômico único e específico. Ela segue tendências observadas na América Latina e em outros lugares do mundo. De acordo com Flores (1995), a feminização do assalariamento rural acompanhou a reorganização do sistema de produção de agro alimentos para exportação na nova divisão internacional do trabalho.

Observa-se um cenário semelhante ao brasileiro em países como Chile, Argentina e México que endossam a lista das nações que formalizaram suas agroindustriais na década de 1990. A importância e valorização do trabalho feminino, sob essa conjuntura, explorando características “tipicamente” femininas como a delicadeza e a destreza, garantiria o “acabamento” e qualidade do produto a ser apresentado para venda. No mercado de frutas, hortaliças, legumes e flores, a seleção minuciosa do produto para atender critérios “estéticos” socialmente aceitos pelos compradores reforçou a preferência dos empregadores pelo trabalho de precisão executado pelas mulheres.

Conquanto, a entrada massiva de mulheres no mercado de trabalho rural formal não significou a alteração de suas condições laborais anteriores e destacou-se também pela posição de instabilidade, precariedade e temporalidade dos

* *Pesquisadora de Pós-doutorado do departamento de sociologia da UNICAMP e pesquisadora do Projeto Temático “Observatório das Migrações em São Paulo” (FAPESP/CNPq) sediado no Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” (NEPO/UNICAMP) coordenado pela Profa. Dra. Rosana Baeninger.
Email: lidiani.maciel@gmail.com*

** *Mestra em Demografia, Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais (UNICAMP). Integrante do Projeto Temático “Observatório das Migrações em São Paulo” (FAPESP/CNPq) sediado no Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” (NEPO/UNICAMP) e coordenado pela Profa. Dra. Rosana Baeninger. Email: giovana.ggp@gmail.com*

postos de trabalho ocupados. Contexto assentado, majoritariamente, na ideia ainda persistente do trabalho feminino como “auxiliar” ou “complementar” à renda familiar.

Nesse sentido, Flores (1995) também enfatiza que a preferência pelos empresários do ramo por mulheres migrantes no México, dentro das agroindústrias das flores e hortaliças, não se tratava somente da valorização de qualidades concebidas socialmente como femininas, mas em mesma medida do uso e aproveitamento de uma qualificação não reconhecida e obtida em outros ambientes de trabalho, como o espaço doméstico.

Além disso, as mulheres se apresentavam como mão de obra flexível nos quadros empresariais desde a década de 1970. Assim, a condição de instabilidade gerada pela situação migratória atrairia a atenção dos empregadores, pois havia ali certo potencial para a exploração da força de trabalho. Simultaneamente, a necessidade do aumento da produtividade nos circuitos agroindustriais tem imposto aos (as) trabalhadores (as) práticas tayloristas expressas pelos processos de padronização da produção (CÁNOVAS, 2012). Nesse contexto, faz-se presente a criação de novos postos de trabalhos, compassado com a destruição de outras ocupações, a mão de obra feminina é por fim recolocada.

No caso da agroindústria da cana-de-açúcar no Estado de São Paulo, conforme apontam as pesquisas de Silva (2011 e 2014) foram criadas funções como “bituqueiras” e “catadoras de pedras”. São cargos nos quais as mulheres tornam-se responsáveis, tanto por recolher pedaços de cana deixados pela colheitadeira, quanto pela limpeza do canavial para que a máquina possa executar o corte. Isto significa, muitas vezes, passar uma jornada completa de trabalho a recolher materiais como pedras, restos de vegetações invasoras, como galhos secos de árvores e quaisquer outras impurezas encontradas. Segundo a autora (SILVA, 2011 e 2014), essas atividades somam-se a outras já estabelecidas no canavial como as de “bombeiras”; cuja principal atividade é o abastecimento dos garrafões de água para o consumo dos trabalhadores do corte manual da cana evitando assim que sofram de desidratação.

Já em relação a agroindústria citrícola, foram verificadas no trabalho de campo¹, aproximações e semelhanças no trabalho feminino e masculino. A colheita da laranja se apresenta, basicamente, pela derrubada do fruto no chão e, posteriormente, pelo recolhimento do mesmo. A colheita também pode ser feita pela coleta do fruto junto ao pé. Depois de colhido, ele é depositado diretamente em sacolas penduradas aos corpos dos (as) trabalhadores (as).

Essa atividade pode ser realizada “em dupla” e caracteriza-se pela divisão das tarefas entre casais de trabalhadores. Nesse caso, a derrubada da laranja efetiva-se pela mão de obra masculina, em decorrência dos homens considerarem essa atividade arriscada, quando feita através da utilização de escadas, especialmente, em situações em que suas esposas apresentam alguma limitação física como uma gravidez. Assim, caberia as mulheres o ato de “catar” os frutos do chão. Todavia, ainda assim, as divisões entre atividades masculinas e femininas se apresentam de maneira menos rígida na citricultura do que nas demais atividades agrícolas no estado de São Paulo.

O processo migratório de trabalhadoras rurais piauienses para a colheita de cítricos na Região Administrativa Central do estado de São Paulo²

As trabalhadoras rurais migrantes da colheita da laranja na Região Central de São Paulo, especialmente nas cidades de São Carlos e Matão, vivenciam processos migratórios delineados e planejados no universo familiar. Suas aspirações também são construídas e afetadas pelo cotidiano repleto de discurso embasados nas experiências intergeracionais migratórias (MENEZES, 2009; MACIEL, 2016). Desse modo, a migração para o trabalho rural citrícola, apresenta-se, majoritariamente através da figura de mulheres mães casadas ou unidas, as quais acompanham os movimentos migratórios de seus esposos ou companheiros.

Em relação às mulheres migrantes entrevistadas na Região Administrativa Central, verificamos a existência de distintas trajetórias migratórias associadas, em geral, à residência em periferias migrantes (PEREIRA e BAENINGER, 2016) e envolvendo o deslocamento diário para os espaços rurais circundantes as regiões de Matão e São Carlos e que representam a modalidade migratória (BAENINGER, 2011 e 2012) definida como permanentemente temporária (SILVA, 1992). O trabalho realizado em Matão é amplamente valorizado por essas trabalhadoras que veem na atividade uma possibilidade de auferirem renda própria. A Figura 1, uma imagem cedida por uma trabalhadora rural à pesquisa³, aponta para a valorização do ambiente de trabalho como cenário para fotografias cujo teor é a descontração.

Figura 1: Reprodução de imagem do acervo pessoal de uma Trabalhadora Rural Migrante ilustrando a colheita da laranja na Safra de 2013 no município de Matão/SP.



Fonte: MACIEL, L. M.; PEREIRA, G. G (2013). Banco de Imagens do Observatório das Migrações em São Paulo.

No entanto, como nos demonstra o estudo de Silva (1995), a individualização da força de trabalho feminina não simbolizou necessariamente a ruptura com os laços de dominação masculina estabelecidos anteriormente. Nesse sentido, segundo SILVA (1995), há transferência do poder tradicionalmente centralizado no universo familiar, representado pelo pai e irmãos, para outras figuras também masculinas como administradores e fiscais. Contudo, na citricultura paulista, já nos anos 2000, notamos que em relação às trabalhadoras rurais migrantes do Estado do Piauí há novos papéis sociais sendo gestados. O posicionamento de multiplicadoras da renda familiar apresenta-se nesse contexto como um aspecto positivo no rol dos ganhos da migração, contestando tendência anteriores e estruturas de dominação anteriormente fixadas.

De acordo com Bacellar e Lima (1990), até a década de 1980, a população feminina migrante piauiense circulava em espaços específicos. Inicialmente os fluxos vinculavam-se à dinâmica intraestadual, privilegiando a capital do estado, Teresina/PI, e outros municípios caracterizados por um maior desenvolvimento econômico. Em nossa pesquisa de campo, observou-se que o movimento migratório feminino desse período era relacionado também às redes de cuidado presentes na capital piauiense. Nesse sentido, o principal argumento das motivações se relacionava ao ato de “acompanhar o marido” e em segundo, o deslocamento se relacionava à entrada das mulheres no mercado de trabalho doméstico ainda quando eram adolescentes.

Forçada, ou não, recolhemos relatos, bastante comuns, em que famílias tradicionais teresinenses “benevolentes” procuravam, nos “interiores” ou zonas rurais, meninas que pudessem se ocupar do trabalho doméstico em suas casas em troca de “morada”. Ir ao interior “buscar uma menina” apresentava-se nesse contexto como uma prática corriqueira e estrutural da sociedade teresinense.

Além disso, Bacellar e Lima (1990) apontam que nos espaços tradicionais de migração e circulação, como aqueles do eixo Rio-São Paulo, a migração individual e masculina destacava-se em decorrência do mercado de trabalho articulado, majoritariamente, à construção civil.

No mesmo sentido, encontramos nos relatos e entrevistas realizadas com os trabalhadores rurais migrantes de Jaicós/PI que a moradia improvisada nas obras e a dificuldade de acesso ao mercado de trabalho – formal ou informal – por parte das mulheres, se apresentavam como justificativas para o emprego da migração masculina como estratégia de reprodução familiar nos locais de origem (MENEZES, 2009).

No levantamento de campo realizado em 2013, observamos que no que diz respeito às regiões metropolitanas, como a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), principalmente no caso das migrações para os municípios do ABC paulista, destacavam-se narrativas perpassadas pela vivência de situações de precariedade, periferização e violência. Tais discursos eram ainda corroborados

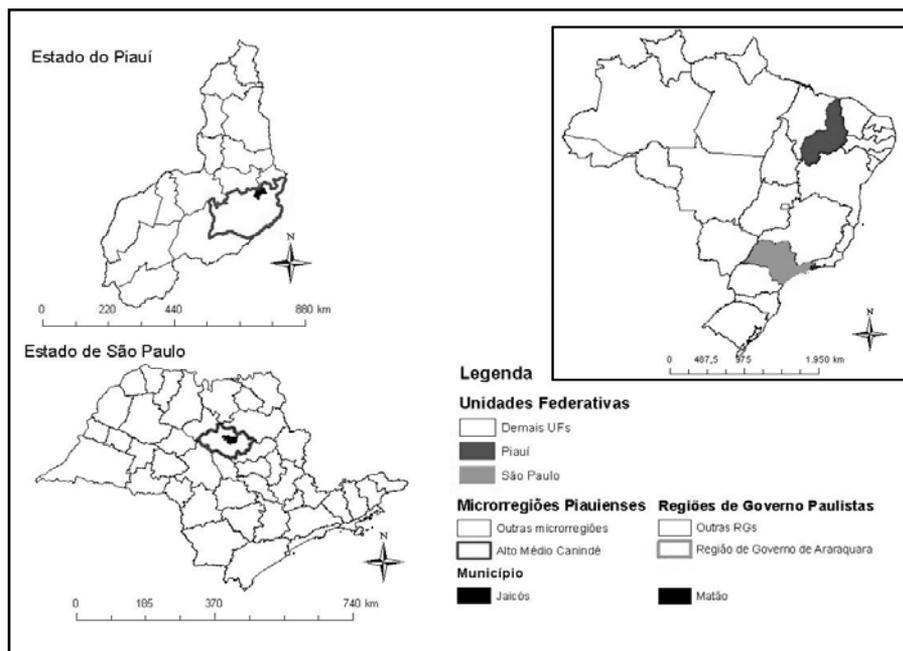
pela descrição de aspectos relacionados a instabilidade econômica ocasionada pelos contratos de trabalho temporários e sem registros em carteira. Sob esse contexto, as mulheres eram até mesmo desestimuladas a acompanharem seus maridos.

A década de 2000 apresentou-se como momento chave no que tange a migração feminina piauiense. Nesse período, as migrações direcionadas a colheita da laranja nas áreas rurais paulistas tornaram-se, em muitas cidades, como Jaicós/PI (Figura 2), a principal fonte de rendimento de muitas famílias, o que potencializou modificações da posição da mulher dentro do arranjo familiar. Em consonância, o estudo de Maciel (2013) acerca dos arranjos familiares de colhedores de laranja em São Carlos/SP já nos chamava a atenção acerca das distintas faces dos discursos articulados ao “melhorar de vida” como indutor de rearranjo e rearticulação dos papéis desempenhados pelas mulheres no âmbito intrafamiliar.

Sumariamente temos que, como demonstrado por Pereira (2015), o redirecionamento do fluxo migratório de piauienses da RMSP para o interior paulista pode ser compreendido a partir de três períodos:

- a) o primeiro, entre as décadas de 1960 e 1980, se correlacionou a relação entre mobilidade espacial e potencialidade de ascensão social (SINGER, 1976; DURHAM, 1984) e direcionava-se aos grandes polos de atração regional como Teresina/PI e Picos/PI ou à Região Metropolitana de São Paulo. Assim, a população migrante, essencialmente masculina e jovem, empregava-se nos setores de prestação de serviços, na construção civil e nas indústrias;
- b) o segundo momento, por sua vez, foi caracterizado com a chegada e intensa circulação de equipamentos agrícolas produzidos por indústrias associadas ao agronegócio do interior paulista. Esse cenário propiciou um primeiro contato com o espaço produtivo das cidades do agronegócio paulistas (ELIAS e PEQUENO, 2006 e 2007), particularmente, com o município de Matão/SP (Figura 2). Isso corroborou, nesse sentido, para o surgimento de fluxos migratórios direcionados ao mercado de trabalho urbano da cidade paulista;

Figura 2: Localização dos municípios analisados em suas respectivas Unidades Federativas, por Região de Governo e Microrregião, e em relação ao Brasil, 2010.



Fonte: Malhas Digitais (IBGE, 2010)

c) por fim, o terceiro e atual momento, iniciou-se nos anos finais da década de 1990, e é representado pelo emprego da mão de obra migrante no meio rural paulista, vinculado ao aumento da produtividade exigida nas culturas agrícolas (SILVA, 2008a; SILVA; BUENO; MELLO, 2014). O principal reflexo nas comunidades rurais jaicoenses é representado pelo “fechamento das casas” e esvaziamento populacional dos espaços rurais da região. Nessas circunstâncias, a mulher, antes apontada como a responsável pela reprodução de uma economia familiar agrícola durante a ausência de seu marido, passa a fazer parte da “roda da migração” motivada, em mesma medida, pelas condições oferecidas pelo novo contexto produtivo paulista.

A migração de trabalhadoras rurais é delineada, em mesma medida, pela divisão sexual do trabalho. Como observamos na entrevista realizada com Maria⁴, uma ex-colhedora de laranja em Jaicós/PI, em dezembro de 2014:

Aí no Matão, homem e mulher trabalha, aí os homem acha mais melhor. Porque levava as mulher, assim, de modo a trabalhar pra ajudar. Ajudava e lavava a roupa. E, eles indo só, eles eram forçados a lavar a roupa deles. Ai se ele pode

levar mulher, eles acha mais melhor. Porque levando lá as mulher, elas sempre trabalha. Cuida da casa. (...) Em São Paulo, eles achava ruim a modo de pagar alguém pra lavar a roupa, porque homem num é sempre que lava a roupa né? (...) Tem deles que não leva, assim, sabe [mulher] de menor, assim é difícil de levar. Porque é mulher de menor, aí não pode trabalhar. Eles querem levar as mulher que já têm a idade pra trabalhar na roça mais eles. (...) Trabalhava, assim, de domingo e de sábado, lavava a roupa e arrumava a casa. [Entrevista realizada em Jaicós/PI no dia 15/12/2013].

A mulher se apresenta, portanto, responsável pela manutenção e organização das atividades referentes ao universo doméstico. Outra narrativa importante foi encontrada em julho de 2013, enquanto realizávamos entrevistas em Matão. Uma das entrevistadas que assumia socialmente uma posição de destaque entre o grupo de colhedoras buscou e mostrou-nos, durante a entrevista, todos os seus holerites e folhas de pagamento com o objetivo de destacar que colhia laranja “como qualquer homem” e comparativamente conseguia ganhar mais do que o esposo.

Os trabalhadores rurais migrantes estabelecem, concomitantemente, categorias de classificação do nível de produção (PEREIRA, 2015; MACIEL, 2016) e sob esse contexto percebemos a aparição da mãe da turma, título atribuído pelo grupo de colhedores de laranja à trabalhadora que atinge níveis altíssimos de produtividade, uma mulher que colhe mais do que as outras colegas e compete, sobretudo, com os homens. Ela é cortejada por sua força, determinação e agilidade na colheita, sendo considerada uma figura de grande importância e colocada socialmente em posição de destaque frente aos demais trabalhadores. Desse modo, o mesmo enlace estabelecido entre a figura materna e sua importância na vida de um filho, a mãe da turma deve ser respeitada por sua posição. Verificamos ainda a existência da inserção das mulheres em outras experiências ocupacionais menos expressivas como de arregimentação dos trabalhadores rurais, fiscalização do processo de trabalho e motoristas de ônibus rurais.

Sobre as faixas de remuneração média referentes ao mercado de trabalho formal da citricultura da RA Central, notamos, pela Tabela 1, que a faixa se concentra, sem diferenciação por sexo, nos intervalos de 1,01 a 3,00 salários mínimos correspondendo a variação de R\$ 622,00 a R\$1.866,00 em 2012. Enquanto que no caso feminino, a maior concentração de casos ocorre nas faixas de 1,01 a 1,50 salários equivalendo ao ganho de R\$ 622,00 a R\$ 933,00. Já os vínculos masculinos concentram os ganhos mensais nas faixas de 1,5 a 2,00 salários referindo-se à variação de R\$ 933,000 a R\$ 1.244. Podemos perceber, portanto, uma diferença não substancial entre os ganhos.

Tabela 1: Faixa de remuneração média em salários mínimos⁵ dos Vínculos Ativos em 31/12/12 de Trabalhadores Agrícolas da Fruticultura na Região Administrativa Central em 2012.

Faixa de Remuneração Média	Sexo Trabalhador		Total
	Masculino	Feminino	
Até 0,50	67	52	119
0,51 a 1,00	398	362	760
1,01 a 1,50	1.802	2.042	3.844
1,51 a 2,00	2.377	1.703	4.080
2,01 a 3,00	2.285	670	2.955
3,01 a 4,00	395	42	437
4,01 a 5,00	38	7	45
5,01 a 7,00	46	6	52
7,01 a 10,00	72	5	77
10,01 a 15,00	57	8	65
15,01 a 20,00	6	0	6
Não classificados	138	83	221
Total	7.681	4.980	12.661

Fonte: RAIS – MTE/2012

No que tangencia os níveis de produtividade e consequentemente os ganhos salariais das trabalhadoras nas safras da citricultura, cabe trazeremos ao debate o papel desempenhado pelas mulheres ao serem contratadas sob o regime de trabalho masculino. A justificativa mais utilizada pelos trabalhadores é de que a colheita da laranja seria “mais leve” quando comparada ao trabalho no eito dos canaviais. Por isso o ramo atrairia tantas mulheres. Associando, por esse viés, os canaviais se apresentariam como ambientes masculinos. As mulheres, então, ficariam reservado trabalhos e atividades “coerentes” com as suas capacidades físicas gerando-se, nesse contexto, uma desigualdade de posição entre os trabalhadores rurais.

A Tabela 2 nos mostra que em 2012, os vínculos empregatícios femininos representavam 39%, enquanto os masculinos eram 61% na citricultura. No mesmo período, na RA Central, é possível observarmos que na cana-de-açúcar os vínculos femininos representavam 20%, e os masculinos 79% (RAIS, 2012).

Em relação aos níveis de escolaridade, as mulheres apresentam uma escolaridade semelhante, com tendência para menor, a dos homens e tendem a se concentrar no ensino fundamental. Nota-se também a baixa representatividade dos analfabetos, destacando que a maior concentração desse nível ocorre nas faixas etárias de 30 a 64 anos (RAIS, 2012).

Tabela 2: Escolaridade agregada dos Vínculos Ativos dos Trabalhadores Agrícolas da Fruticultura, na Região Administrativa Central, em 2012.

Escolaridade Agregada	Vínculos Masculinos	Vínculos Femininos	Total
Analfabeto	403	179	582
Até 5ª Incompleto	1.412	731	2.143
5ª Completo Fundamental	1.332	923	2.255
6ª a 9ª Fundamental	1.706	1.026	2.732
Fundamental Completo	1.040	707	1.747
Médio Incompleto	1.035	779	1.814
Médio Completo	727	625	1.352
Superior Incompleto	13	3	16
Superior Completo	13	7	20
Total	7.681	4.980	12.661

Fonte: RAIS – MTE/2012

A entrada no mercado formal de trabalho rural para essas mulheres ocasiona impactos de múltiplas ordens. Nas entrevistas realizadas entre os anos de 2012 e 2013 se tornavam expressivos casos em que o desejo e a escolha pela maternidade eram colocados no plano das “despesas” e “ônus” em razão da necessidade de reorganização e acionamento das redes familiares e de vizinhança para os cuidados com a criança enquanto a mesma não está em idade escolar.

Todavia, a liberação das mulheres da casa para o mercado de trabalho ocorre com a subcontratação de outras mulheres que atuam como cuidadoras de crianças nas cidades de destino migratório como ocorre em Matão. Essas cuidadoras são na maior parte das vezes moradoras “locais” mais velhas, que viram nessa necessidade das trabalhadoras rurais migrantes, uma oportunidade de auferirem ou complementarem a renda familiar. Assim, se antes a questão da maternidade era central na construção da identidade dessas mulheres, ela passa a ser questionada pelas novas práticas sociais vivenciadas no deslocamento de um estado para outro.

A predominância da dupla jornada de trabalho também era recorrente nas narrativas das entrevistadas. Não foram colhidos relatos em que ocorressem mudanças da relação de hierarquia pré-estabelecida no ambiente doméstico. A pesquisa de campo apontou-nos, inclusive, que as mulheres são socialmente “bem vistas” ao acompanharem seus maridos, no contexto da colheita da laranja em Matão/SP, visto que as mesmas são responsáveis pelo crescimento do patrimônio familiar, com o controle dos gastos domésticos e a implantação da noção de poupança, além de se ocuparem com a reprodução da vida doméstica e cuidarem dos homens quando há adoecimento.

Ao visitarmos as casas dos trabalhadores rurais migrantes aos finais de semana era comum encontrarmos as mulheres ocupadas com os afazeres domésticos e com os varais preenchidos por roupas do dia a dia e de trabalho; enquanto os homens ocupavam-se com atividades de lazer ou ligadas a sociabilidade como jogo de futebol, de cartas ou em bares espalhados pelos bairros.

Em 2011, época da primeira pesquisa de campo na cidade em São Carlos/SP, já havíamos verificado, em relação as mulheres, como o mercado de trabalho disputava espaço com o trabalho doméstico. Para a maior parte das entrevistadas estar na safra significava submeter-se a dupla jornada de trabalho e, muitas vezes, a frustração por sentir que não estava cuidando bem do lar e cumprindo os “requisitos” de uma “boa dona de casa”. O relato de Valentina, transcrito abaixo, nos sinaliza claramente essa condição, pela qual o tempo de descanso é capitalizado através do serviço doméstico:

Quando estou na safra, é oito horas da noite estou na beira do tanque ou fazendo o jantar. Olha meu marido me ajuda, mas não é a mesma coisa. Se pede para lavar um quintal só joga uma água e diz que está pronto, não faz as coisas direito; Se vai lavar a louça só dá uma passada por cima, apesar de que eu, quando estou na safra, não areio as panelas e aí vai ficando para o feriado, para o fim de semana. (MACIEL, 2013: p. 30)

No estudo desenvolvido entre 2009 e 2012, as mulheres entrevistadas eram majoritariamente migrantes do estado do Paraná e de diversos estados do Nordeste, e tinham uma condição de “permanência” no município de São Carlos, possuindo, inclusive, moradia própria. Conquanto, no caso das trabalhadoras rurais migrantes entrevistadas em Matão/SP, no período de 2013 e 2014, a situação de precariedade era aumentada devido a condição de permanência ser condicionada ao período da safra. Desse modo, as mulheres e os homens se viam forçadas (os) a aumentarem cada vez mais o nível de produtividade, uma vez que eles nos afirmavam que não estavam lá – em Matão – para “perder tempo”.

As informações colhidas em campo também sinalizaram mudanças nos valores advindos das idas e vindas daquelas trabalhadoras entre São Paulo e o Piauí. Aferimos que a migração para Matão/SP e o seu consequente retorno instituíram novos hábitos de consumo entre os moradores de Jaicós/PI. A obtenção de renda passou de alguma maneira a alterar as relações que as mulheres mantinham com seus companheiros e comunidades de origem, inserindo-as também em um mercado de consumo “estético ou de beleza” antes pouco acessado. Como nos conta Elena (32 anos, trabalhadora rural):

Eu não perco um minuto na roça. Só se não tiver sacolão para gente encher, porque é tão bom o nosso pagamento. Agora, quando vem fraco dá uma tristeza, mas quando vem bom... Nossa! Não é bom ter seu dinheiro e poder comprar sua roupa, seu calçado, arrumar sua unha, seu cabelo, não depender de ninguém? Comprar um batom bonito, um esmalte bonito, trabalhar é a melhor coisa, triste é você viver doente em cadeira de roda, aí é triste, mas trabalhar é a melhor coisa. [Entrevista realizada em abril de 2012 em Matão].

Além disso, as mulheres também passaram a acessar o mercado de consumo da “mobilidade”. As motos e carros passaram a ser guiados por elas nas comunidades rurais de Jaicós. Há uma importância significativa atribuída a essa habilidade, considerando que nesse município não há transporte público e as distancias entre uma comunidade e outra ou entre elas e o centro da cidade é significativa.

A Figura 3, referente ao registro realizado em Jaicós no ano de 2013, ilustra essa questão. A posse das motos é vista como vantajosa, tanto pelo custo de manutenção inferior quanto pela possibilidade de ser utilizada de forma operacional pela família. Ou seja, para visitar familiares e amigos residentes em outras comunidades, levar as crianças para a escola, fazer as compras, ir a consultas médicas, alargando assim a gama de atividades e relações sociais até então limitadas pelas distâncias entre as comunidades rurais, os bairros rurais e o centro da cidade.

Figura 3: Trabalhadora Rural Migrante em Jaicós/PI e sua motocicleta.



Fonte: MACIEL, L. M.; PEREIRA, G. G (2013). Banco de Imagens do Observatório das Migrações.

Os espaços da migração (TARRIUS, 2000) se apresentam simultaneamente de maneiras distintas nos discursos dos entrevistados. A migração para a RMSM entrelaçava-se a ausência da participação direta das mulheres, enquanto que a migração para a laranja contava com maior participação feminina nas decisões do ambiente doméstico e no destino da renda.

A percepção de si mesmas como “acompanhantes” do marido deixa de ser protagonizada nas falas das entrevistadas ao longo de nossas conversas ou entrevistas. Pouco a pouco, elas vão nos mostrando a articulação de suas posições nas negociações que levaram o casal à migração e a luta constante por novas posições.

Assim, consideramos que as pequenas conquistas cotidianas dessas mulheres influenciaram diretamente em suas biografias migratórias familiares e em suas condutas sociais, a ponto de colocarem a migração e o trabalho como divisores de águas na formação de suas identidades de gênero e percepções de projetos futuros.

Outras configurações passam, então, a compor o tecido das relações sociais nas comunidades de origem dada a mudança do *status* social das mulheres, anteriormente responsáveis pela manutenção da vida comunitária, como a organização de festas, novenas e diversas outras atividades lúdicas e culturais, sobretudo, da pequena agricultura familiar. Antes, consideradas “*viúvas de marido vivo*” (SILVA; MENEZES, 2010), tornam-se agora agentes ativas no mercado de trabalho e na “roda da migração”. Em Jaicós ocorre, portanto, uma reorganização da vida comunitária dado o “fechamento das casas”, que são somente abertas para a limpeza, serviço esse realizado por membros familiares não migrados, e quando há o retorno da família no fim da safra.

Ainda destacamos que a entrada no mercado de trabalho impõe, à muitas mulheres que não podem levar seus filhos, a aceitação da imagem da mãe que deixou os mesmos aos cuidados das avós ou de outros familiares do sexo feminino. Nesse sentido, verificamos a ênfase no protagonismo das mulheres nas redes relacionais e na organização ativa para reorganização dos papéis dentro do âmbito doméstico e familiar (DAWSEY, 2013).

Nesse contexto, o Bolsa-Família, denominado inúmeras vezes como “o cartão das crianças” ou “cartãozinho”, viabilizava tanto a manutenção dos filhos deixados sob o cuidado das avós e irmãs mais velhas em Jaicós/PI, quanto garantia o acesso à escola e aos serviços de saúde das crianças e jovens em Matão/SP. Como podemos perceber no excerto da fala de Marilene, ex-colhedora de laranjas:

Entrevistadora: *Ele (em referência a criança ao lado no dia da entrevista) possui o bolsa família?*

Marilene: *Sim, mas como minha mãe sempre cuidou muito dele, deixo o cartãozinho com ela. Ela ajudou muito na*

criação dele. É uma maneira, hoje, de eu retribuir. E ele conseguiu o benefício por causa dela. [Entrevista realizada no mês de dezembro de 2013 em Jaicós/PI].

Por outro lado, as avós também sofrem a ausência de seus netos quando eles são levados para Matão, resguardando a memória através das fotografias e histórias sobre o entente querido na esperança do mesmo voltar com os filhos na entressafra (Figura 4)

Figura 4: Avó, em sua casa em Jaicós/PI, nos mostra foto do neto residente temporariamente em Matão/SP.



Fonte: MACIEL, L. M.; PEREIRA, G. G (2013). Banco de Imagens do Observatório das Migrações.

A família passa, então, a se reorganizar e os filhos a circularem por diferentes casas. Essa dinâmica tende a diminuir os gastos durante a safra e possibilita a composição de uma poupança por parte do casal. Ademais, esse aspecto pode produzir novos significados a autoridade familiar, visto que a imagem dos pais será relacionada a ausência (SAYAD, 1999). Em relação aos casais, por exemplo, quando a figura do “pai” se associava ao migrante, a mãe tenderia a garantir a “estabilidade” da relação de autoridade paterna na estrutura relacional da família nuclear, atuando na ativação constante da memória do ausente.

Assim, reforçamos com essas reflexões teóricas e empíricas o interessante jogo identitário e a alteração, mesmo que discreta e sutil, do posicionamento das mulheres frente aos desafios impostos a elas na vida familiar e no mercado de trabalho, seja nos canaviais ou laranjais do estado de São Paulo. Certamente as fraturas na composição social de suas comunidades de origem, quando analisamos situações como as apresentadas entre Jaicós e Matão, são diversas

e nos exige um olhar pontual e comparativo com a finalidade de percebermos quais serão as tendências a serem apresentadas num futuro próximo em seus ambientes relacionais.

Ao atentarmos para a presença de mulheres em ambientes outrora masculinos, não deixamos de nos confrontar com a necessidade da edificação de políticas públicas, também direcionadas a elas, visando auxiliá-las na luta cotidiana pelo acesso ao ainda complexo sistema de direitos sociais e trabalhistas, muitas vezes desconhecido. A força de trabalho feminina é certamente de grande importância para a construção da riqueza do setor agroexportador brasileiro, seja ele de cítricos ou sucroalcooleiro. Daí a importância de estudos que se voltem para essas trabalhadoras que sofrem a invisibilidade produzida pelo setor.

Considerações Finais

Considerando esses aspectos apresentados ao longo deste artigo, podemos inferir que as faces femininas nos trabalhos da agroindústria paulista (SILVA, 1998) operam transformações não somente no mercado de trabalho, mas concomitantemente na reorganização da vida familiar.

Particularmente, ao considerarmos que no interior dos esquemas tradicionais e patriarcais de existência, a imagem da mulher ainda está relacionada ao ambiente da casa e da estabilidade familiar, em contraste com a posição do homem, que é associado à rua e ao mercado de trabalho.

Simultaneamente, a presença feminina no mercado de trabalho formal paulista potencializa os ganhos familiares ao mesmo tempo em que gera reorganizações dos papéis nas redes de relações familiares no interior piauiense.

Dessa forma, as mulheres pertencentes aos contextos migratórios apresentados atuam ativamente na transformação de suas trajetórias de vida ao passo que exercem em seu cotidiano micro resistências (SCOTT, 1992); sejam elas vinculadas à custosa competitividade entre os trabalhadores, sejam referentes à gestão das relações internas à casa, contrariando, de maneira sutil ou direta, valores anteriormente estabelecidos.

Por fim, nota-se que a luta pela diminuição de preconceitos no mercado de trabalho e nos ambientes ditos públicos só é possível para essas mulheres através da reconstrução, ainda que de maneira tímida, dos seus espaços de vida (COURGEAU, 1988), e almejando que eles sejam cada vez mais abertos à expressão de suas identidades sociais possíveis.

Notas

¹ Nota metodológica: O artigo apresentado surge do cruzamento das pesquisas realizadas pelas autoras desde 2009, o que compreende um trabalho de campo (entrevistas semiestruturadas, biografias migratórias, e etnografias) realizado na Região Central e de Ribeirão Preto do Estado de São Paulo, abrangendo as cidades de São Carlos, Matão, Ribeirão Preto, Barrinha, Dobrada, Ibaté. E um trabalho de campo realizado nos municípios de Picos e Jaicós, no Alto Médio Canindé, no estado do Piauí. Tendo como objetivo um balanço comparativo, o artigo se apropria de outros trabalhos empíricos, devidamente citados, realizados por diversos pesquisadores da área. A coleta de dados também foi amparada por tabulação de dados quantitativos e qualitativos de diferentes bases, tais como Fundação SEADE; Relação Anual de Indicadores Sociais (RAIS), e CadÚnico. Por fim, os dados foram submetidos a diferentes tratamentos e análises qualitativas e quantitativas considerando o aporte teórico selecionado que descreveremos ao longo do artigo.

² Classificação Fundação SEADE (Informações Municipais). A RA Central é composta por 26 municípios e duas regiões de governo a de Araraquara e São Carlos.

³ Agradecemos a todos os participantes da pesquisa pela compreensão, paciência e gentileza, principalmente aqueles (as) que nos autorizaram fotografar seu cotidiano e divulgarmos através de nossos trabalhos de comunicação de pesquisa. Entendemos que as fotografias e imagens nos permitem compreender melhor e acessar os processos investigados.

⁴ Os nomes das entrevistadas foram modificados com o intuito de preservarmos suas identidades.

⁵ A faixa de remuneração média é contabilizada a partir do número de salários mínimos na época, ou seja, no valor de R\$ 622,00.

Referências

BACELLAR, O. I; LIMA, G. P. *Causas e tendências do processo migratório piauiense*. Teresina, Fundação CEPRO, 1990. (Relatório de Pesquisa).

BAENINGER, R. Migrações internas no Brasil século 21: evidências empíricas e desafios conceituais. In: CUNHA, J. M. P. (Org.). *Mobilidade Espacial da População: Desafios teóricos e metodológicos par ao seu estudo*. Campinas: Nepo/Unicamp, 2011.

_____. *Fases e Faces da migração em São Paulo*. Campinas: Nepo/Unicamp, 2012.

CÁNOVAS, A. P. Convergencias globales. Apuntes para una sociologia del trabajo de la nueva condición jornalera en las agriculturas intensivas. In. BENDINI, M.; et al. *Trabajo rural y travesías migratória*. Buenos Aires/Argentina: Educo, 2012.

COURGEAU, D. *Méthodes de mesure de la mobilité spatiale: Migrations internes, mobilité temporaire, navettes*. Paris. Éditions de L'Institut National d'Études Démographiques, 1988.

DAWSEY, J.C. *De que riem os boias-frias?* Diários de Antropologia e Teatro. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

- DURHAM, E. R. *A Caminho da Cidade: A vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- ELIAS, D.; PEQUENO, R. (orgs). *Difusão do Agronegócio e Novas Dinâmicas Socioespaciais*. Banco do Nordeste. Fortaleza. 2006.
- _____. Desigualdades Socioespaciais nas Cidades do Agronegócio. *Anais do XII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional*. Belém, 2007.
- FLORES, S. La feminización del trabajo asalariado en los cultivos de exportación no tradicionales en América Latina: efectos de una flexibilidad “salvaje”. In. FLORES, S. (Coord.). *Jornaleras, temporeras y bóias frias. El rostro femenino del mercado de trabajo rural en América Latina*. Venezuela: UNRISD/Nueva Sociedad, 1995.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Malhas digitais – 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. (Documento digital). Disponível em: <http://mapas.ibge.gov.br/bases-referenciais/bases-cartograficas/malhas-digitais.html>
- MACIEL, L. *O sentido de melhorar de vida arranjos familiares na migração para o Interior de São Paulo*. Jundiá: Paco Editorial, 2013.
- _____. Entre o rural e o urbano: processos migratórios de trabalhadores rurais do Alto e Médio Canindé piauiense para a Região Central do Estado de São Paulo. *Tese de doutorado*. Campinas: IFCH/Unicamp, 2016.
- MENEZES, M. A. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes*. Relume Dumará: Paraíba, 2002.
- _____. M. A. Migrações: Uma Experiência Histórica do Campesinato do Nordeste. In: GODOI, E. P. de.; MENEZES, M. A. de; ROSA A. M. (Orgs.). *Diversidade do Campesinato: Expressões e Categorias*. Vol.II: Estratégias de Reprodução Social. São Paulo: Unesp, 2009.
- PEREIRA, G. G. Entre o partir e o chegar: Os trabalhadores rurais migrantes em Matão/SP. *Dissertação de Mestrado*. Campinas: IFCH/Unicamp, 2015.
- _____; BAENINGER, R. Periferias Migrantes: Trabalhadores rurais migrantes do Agronegócio Citrícola em São Paulo (BRASIL). In: *Anais do VIII Congresso Latinoamericano de Estudios del Trabajo*. Buenos Aires, 2016
- SAYAD, A. *La double Absence. Des illusions de l’émigré aux souffrance de l’immigré*. Paris: Seuil, 1999. Collection Liber.
- SILVA, M. A. de M. Destino e trajetória de camponeses migrantes. In: *Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, Vol. 3. 1992.
- _____. Mujeres boias-frias: el difícil arte de vivir em Brasil. In. FLORES, S. L. *Jornaleras, temporeras y bóias-frias: el rostro femenino del mercado de trabajo rural en América Latina*. UNRISD/Editorial Nueva Sociedad. 1995.
- _____. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Unesp, 1998.

- _____. Trabalho e trabalhadores do mar de cana e do rio de álcool. In: NOVAES, J. R. e ALVES, F. *Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)*. São Carlos: Ufscar, 2007.
- _____. MENEZES, M. A. *Migrações rurais no Brasil: velhas e novas questões*. 2007.
Disponível em:
http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1416/migracoes_rurais_no_brasil_velhas_e_novas_questoes.pdf
- _____. Expropriação da terra, violência e migração: camponeses do nordeste do Brasil nos canaviais paulistas. V *Seminário Memória, Ciência e Arte: razão e sensibilidade na produção do conhecimento*. Campinas: PREAC, Centro de Memória da Unicamp, Centro de Memória em Educação/FE. 2008a.
- _____. Mortes e acidentes nas profundezas do “mar de cana” e dos laranjais paulistas. In: *INTERFACEHS – Revista de gestão integrada em saúde do trabalhador e meio ambiente – v.3 n.2. Artigo 1, pp.1-30, abr-ago. 2008.*
- _____. O trabalho oculto nos canaviais paulistas. In: *Perspectivas*, São Paulo, v. 39, p. 11-46, jan. /jun. 2011.
- _____. ; BUENO, J. D. ; MELO, B. M. . Quando a máquina desfila os corpos silenciam: tecnologia e degradação do trabalho nos canaviais paulistas. *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 4, p. 85-116, 2014.
- SILVA, M. S; MENEZES, M. A. Homens que migram, mulheres que ficam: o cotidiano das Esposas, Mães e Namoradas dos Migrantes Sazonais do Município de Tavares – PB. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. A. (orgs.). *Gênero e Geração em contextos rurais*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010.
- SCOTT, J. *A dominação e a arte da resistência*. Discursos ocultos. Lisboa: Letra Livre, 1992.
- SINGER, P. Migrações Internas: Considerações Teóricas sobre o seu Estudo. In: MOURA, H. de. (Coord.). *Migrações internas*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A. – BND, [1976] 1980.
- TARRIUS, A. Leer, describir, interpretar. Las circulaciones migratória: Conveniència de la noción de “território circulatório” Los nuevos **hábitos** de la identidad. Ciudad de México. *Relaciones*, vol XXI. N 83. 2000.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar a face feminina nos processos migratórios “permanentemente” temporários (SILVA, 1992) na Região Administrativa Central do Estado de São Paulo nos anos recentes. A abordagem metodológica fundamentou-se na aplicação de técnicas qualitativas que privilegiaram entrevistas semiestruturadas e biografias migratórias com familiares de trabalhadores rurais do setor citrícola da referida região. Para tanto, foram realizadas pesquisas de campo nos municípios de São Carlos e Matão no interior paulista e Jaicós no interior piauiense. Nossa hipótese central é de que os processos migratórios alteram profundamente a posição das mulheres em relação às suas famílias e em suas comunidades de origem, lançando-as num jogo de recomposição de suas identidades sociais.

Palavras-Chave: trabalhadoras rurais migrantes, migração permanentemente temporária, citricultura.

ABSTRACT

This article aims to present the female face in permanently temporary migration processes for the State of São Paulo. The research was developed in the years 2010 in the city of São Carlos and Matão, São Paulo, and Jaicós, in Piauí state – city of origin of rural women workers. The methodology used is qualitative, especially semi-structured interviews and migratory biographies. The hypothesis considers that migration processes change the position of these women in their families and their communities recomposing their social identities.

Keywords: women migrant rural workers, temporary migration, citrus production in Brazil.